

# *PARANAPETINGA*

*Manoel Ambrósio Alves de Oliveira*



# *PARANAPETINGA*

*Manoel Ambrósio Alves de Oliveira*

© 2024 – Editora Unigala

Todos os direitos reservados à Família Ambrósio.

www.unigala.com.br  
editoraunigala@gmail.com

### **Organizadores**

Ramiro Esdras Carneiro Batista  
Zoraide Magalhães Felício

### **Capa**

Ramiro Esdras Carneiro Batista/Montagem Unigala

### **Transcrição**

Ramiro Esdras Carneiro Batista

### **Revisão**

Zoraide Magalhães Felício  
Ramiro Esdras Carneiro Batista

*Nesta edição os organizadores optaram por preservar o acordo ortográfico constante dos originais do autor. Em função de uma primeira distribuição feita pelo autor no início do século passado, estamos considerando a versão atual como a primeira edição, concomitante a sua segunda impressão.*

**Editor Chefe:** Jader Luís da Silveira

**Editoração:** Resiane Paula da Silveira

### **Conselho Editorial**

Dr. Ramiro Esdras Carneiro Batista, Universidade Federal do Amapá, UNIFAP  
Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF  
Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR  
Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB  
Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC  
Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB  
Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS  
Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP  
Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL  
Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB  
Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB  
Ma. Emily Maria Torres de Magalhães Borges, Universidade do Estado da Bahia, UNEB  
Dr. Déric Soares do Amaral, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE  
Me. Kleber Almeida de Albuquerque, Universidade do Estado do Pará, UEPA  
Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional  
Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B333p      Paranapetinga – poemetos (Manoel Ambrósio em Versos – Vol. I)  
/ Ramiro Esdras Carneiro Batista; Zoraide Magalhães Felício  
(organizadores). – Formiga (MG): Editora Unigala, 2024. 64 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-85101-41-7

DOI: 10.29327/5419737

1. Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. 2. Paranapetinga. 3.  
Poemetos. I. Batista, Ramiro Esdras Carneiro. II. Felício. Zoraide  
Magalhães. III. Título.

CDD: 398.2

CDU: 39

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam  
responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins  
comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

[www.unigala.com.br](http://www.unigala.com.br)

[editoraunigala@gmail.com](mailto:editoraunigala@gmail.com)

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.unigala.com.br/2024/08/paranapetinga.html>





Manoel Ambrósio em versos

# ***PARANAPETINGA***

*Poemetos*

1ª Edição



*“Dos ceus do norte, ó pátria minha, tu és rainha das águas belas...  
Cetro de amores, os teus primores, não tem rumores, não tem  
procelas.”*

(Manoel Ambrósio)

# Paranapetinga

(Rio de São Francisco)

O Rio de São Francisco

E' um poema a sorrir

As' aguas que ora descem,

Não tornam mais a subir.

Ellas nos viram nascer,

Deram-nos leite a beber,

Griaram nossos avós.

E' uma prenda querida

O Rio de nossa vida

E' vida de todos nós.

## SUMÁRIO

Nota dos editores .....	09
Brasil .....	11
O ParanaPETINGA (Rio de São Francisco) .....	14
Margens .....	18
Os barrancos .....	19
As aguas .....	20
As praias .....	21
As ilhas .....	24
Montanhas .....	25
Luar .....	27
Aurora .....	29
Tardes .....	30
A tarde.....	32
Estrella da tarde .....	33
Ave-Maria .....	34
Estrella cadente .....	35
Estrella d'alva .....	36
O vento .....	37
A taba .....	39
A tribu .....	41
O pescador .....	42
O norte .....	47
Aquarella .....	51
Praias .....	52
Brasil .....	53
Itapiraçaba .....	55
O Autor e sua Obra .....	59

### Nota dos editores

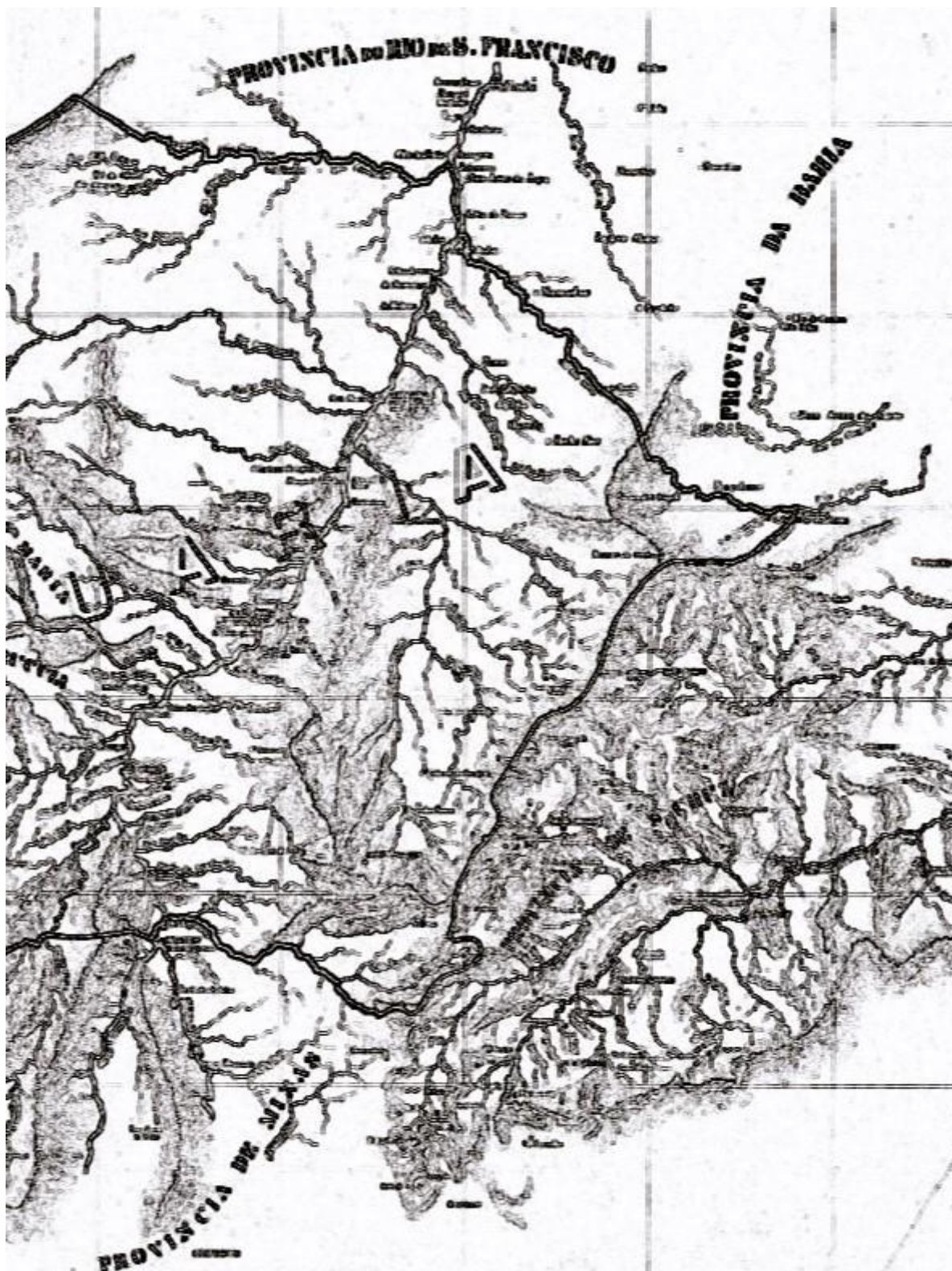
A presente edição de *Paranapetinga: poemeto*, de Manoel Ambrósio, levado a prelo pela primeira vez no início do século XX, não apresenta adendos ou atualizações em relação à impressão original, mas fez-se necessária para compor o acervo digital disponibilizado com acesso gratuito na rede internacional de computadores.

A obra em tela trata da reunião de poemas que o autor imprimiu nas oficinas do Jornal *A Luz*, de sua propriedade e de seus irmãos, em data que ainda não é possível precisar. Para além do ufanismo e declarado amor ao Rio, os poemas ambrosianos demonstram o profundo conhecimento hidrográfico acumulado pelo autor e sua insistência em preservar a toponímia originária. O valor e aderência dessa obra a uma escola literária é tarefa futura para críticos abalizados.

A versão digital de *Paranapetinga* insere-se no escopo de investigações partilhadas entre pesquisadores/as de diferentes origens, no momento vinculados/as às seguintes instituições de ensino: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Da nascente à vertente, da barra à *cabicêra*, desejamos boas vindas ao país das águas-belas!

Médio São Francisco,  
outono de 2024.



## **BRASIL**

*Brasil, augusta e pura imagem tua  
Gravou-se em meu peito apaixonada,  
Anceio maternal criou-nos juntos  
P'ras luctas do porvir, ó pátria amada!*

*Se dos ceos desce esta esperança  
E unidos para sempre nos seduz,  
Impossível arrancar estes laureis  
Ao destino, se outra senda nos conduz.*

*Berço divino  
E peregrino  
Astro feliz...*

*Das brumas e mansões das cordilheiras,  
Das selvas, do azul da immensidade  
Ergueu-se no Occidente o Novo Mundo,  
Risonho e soberano, ó Liberdade.  
Esposa do Oceano e dos palmares,  
O' virgem seductora, estremecida,  
Das vagas embaladas ao som dos ares,  
Es' minha vida,  
Minha querida,  
E docemente  
Eternamente  
Primaveril,  
Terra de flores  
De abril,  
Terra de amores,  
Meu Brasil!*

*Da America do Sul formosa estrella  
De prado e vergéis que o sol inflamma,  
Ditosos valles teus! Quem não te adora.  
Na guerra ou na paz quem não te ama?*

*Nossas almas bellas se inspiram  
Na luz dos orbes teus, do teu cruzeiro.  
Quanto orgulho, quanta gloria, que ventura,  
Pulsar um coração: – Ser brasileiro!*

*A todo instante  
Avante, avante,  
Ó meu Paiz!*

*Se um dia um echo estranho, então sentires  
Do norte ao verde Pampa accaso hostil  
Com sangue acharás teu nome escripto,  
Na valla dos heroes, ó meu Brasil!*

*E tu dos bravos teus, louro estandarte,  
Da patria altiva voz, serena, erguida  
Da terra ou dos ceus, em toda parte,*

*E's minha vida  
Minha querida,  
E docemente  
Eternamente  
Primaveril,  
Terra de flores  
De abril!  
Terra de amores,  
Meu Brasil!*



## ***O PARANAPETINGA***

*(Rio de São Francisco)*

*Da Canastra ao Sul de Minas,  
– Cascata do Casca d’Anta –  
O ParanaPETINGA á garganta  
Dá um salto destemido;  
E, terras virgens talando,  
Duras montanhas cavando,  
Vem rochedos arrancando,  
– Caboclo d’agua – atrevido!*

*Rei das selvas e dos valles  
Do planalto americano,  
Este monarcha serrano,  
– Cacique – não tem rival.  
Com seu sceptro de torrente  
Semelha astuta serpente,  
Ninguém se mette na frente,  
Nem ousa qualquer caudal.*

*Da patria exprime a grandeza...  
Mais que o Amazonas selvagem.  
Nunca prestou vassalagem,  
Nem solo estranho pizou.  
De Deos nas tendas – barôco –  
E’seu irmão o Orenôco,  
Cursos supplanta ao Sirôco  
Que tanto a Europa exaltou.*

*Dos paços de sua ocará  
Deixa rudes fortalezas  
De ferro, ouro, turquezas  
Nos argentinos rincões;  
Sobraça forte e se aferra  
Com hirtos pulsos à serra;  
E, como vertente se enterra  
No peito dos chapadões.*

*Genuíno brasileiro,  
Nunca, nunca, um passo dúbio,  
Tão grande, como o Danubio  
Em seu labor veterano.  
Faz de serras um bagaço,  
E da cordilheira de aço  
Larga a carcaça e o Espinhaço  
E o investe contra o Oceano.*

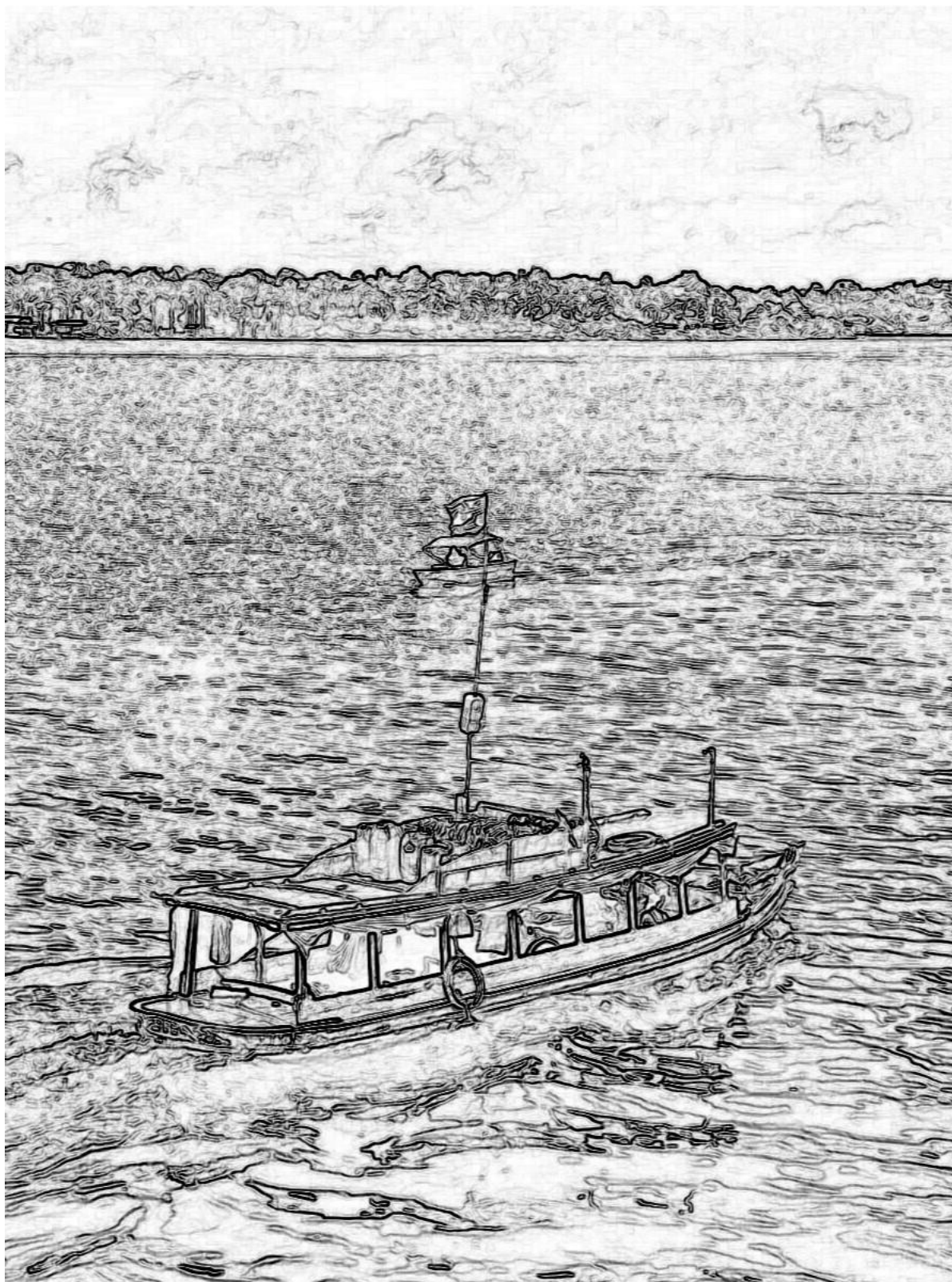
*Nas mattas brutas desertas,  
Abrem-se clareiras reaes.  
São capitães-generaes:  
– O Paraopeba, o Pará  
Rio das Velhas (Guaicuihy),  
Abaixo Jequitahy,  
Paracatu, Acary  
E o Urucuiano Araxá.*

*Na rota vertiginosa  
Arrasta veloz o Pardo;  
Rufa o tambor, vibra o dardo:  
– Cachoeiras do Pandeiros –  
E é forçoso que ande,  
Como guerreiro commande  
Carinhonha, Rio Grande,  
Japoré, Verde (mineiros)*

*Ao Norte bravias settas  
De bahianos – turunas,  
De Pernambuco – as columnas,  
Sergipe – o labaro real.  
Marouço de pororocas,  
O´ Guararapes, Tabocas,  
Onde vão essas molócas,  
Onde a batalha campal?...*

*Alagoas... baluarte!...  
De Palmares campo intenso...  
“Paranapetinga”, “Paulo Afonso”...  
Gigante contra gigante!  
E os esquadrões já se meem,  
Não recuam, dois não pedem,  
Lascam, se estreitam, não cedem  
– Feras do chão, no quadrante!*

*Repentino... horrendo estrondo  
Soando até o infinito!  
Vacilla, estala o granito  
No duello singular,  
Na guerra – como na guerra  
E tudo que a luta encerra:  
Geme o Antêo, treme a terra,  
Outro arqueja sobre o mar.*



## **MARGENS**

*Desmontadas as terras! O Valle santo  
Pelos paineis da America se derrama.  
Que ceo azul, e do sol que rubra chamma,  
Nestas margens de luz que amo tanto!*

*Nellas moram o licheu que embalsama  
As selvas, o vargado, da neve o fino encanto  
Com a cheirosa catheia, o agreste acantho  
E o orvalho a gotejar de rama em rama.*

*Ellas falam em silencio nos desertos,  
Pelos desvãos das serras, das cratéras,  
Ao bafejo natural dos elementos.*

*Como solemnes os montes descobertos,  
Os outomnos, os verões, as primaveras,  
Nas azas divinaes dos quatro ventos!*

## ***OS BARRANCOS***

*Aqui por estas ribas aprumam-se os barrancos  
E ao sol do oeste resplendem essas barreiras,  
Formando ao longo do rio as ribanceiras,  
Nas linhas curvas d'aquelles lindos flancos.*

*Na redondeza frondosas gamelleiras  
Sombreiam no pontal aquelles bancos,  
Onde as areias fagulham ao longe... brancos...  
A's canículas trementes forasteiras.*

*A' essas horas, nas orlas da floresta,  
Ao rebojo das aguas viajoras,  
Levando as canções do canoeiro,*

*Eu gosto de ouvir sosinho a festa  
Deste deserto das almas sonhadoras,  
E porque eu sou tambem um barranqueiro.*

## ***AS AGUAS***

*Grandes e frias aguas rollam mansas,  
Tão claras, que se veem os renques nellas  
De peixinhos em linhas paralelas,  
E la no fundo arterial – essas crianças – .*

*A' tona movediça – sem procellas...  
As ondas – irmãs nas semelhanças...  
Nesse fresco regaço de bonanças,  
Límpidas, praieiras, serenas e singellas.*

*A fome, a sede, o cansaço, a lucta,  
Tudo o que afflige, espanta e extenua,  
Tudo o que altera, abate consumindo...*

*Descedenta-se aqui da força bruta  
As ardências da vida – minha e tua,  
Nessas fragosas de amor a nós sorrindo.*

## **AS PRAIAS**

*As praias são folhas, abertas... de neve...  
De um livro estendido, pro vento estudar.  
Se impura borrasca com lia as escreve,  
Da vaga as esponjas vêm cedo alimpar.*

*Se alvas, se negras, se bellas ou frias,  
Pequenas ou grandes so são graciosas.  
Patricias, estranhas, se nossas, alheias,  
São praias, são virgens em flor primorosas.*

*De rios, de mares, de ilhas remotas,  
São berços que as auras emballam onde estão,  
Só ferem queixumes por essas derrotas,  
Se águas revoltas motejam a estação.*

*Estreitas ou largas, bravias, vagando  
Mil séculos não bastam pro seu caminhar,  
No mesmo marulho das ondas rollando,  
Espumas dos rios ou ventos do mar.*

*Eternas as praias! Que lendas sentidas,  
Lhes falam de bardos, de povos sem fim!  
Se singra uma nave, que cordas tangidas,  
Que arias frementes no seu bandolim!*

*E as tarde  
Formosas,  
De rosas  
Cheirosas,  
Se abrindo  
De puras  
Doçuras  
Se inframmam,  
Derramam,  
Se unindo...*

*A's terras das praias que as fadas transitam  
Por noites e dias sem mais repousar.  
Nas haspas, de dia, fremindo se agitam,  
Nas haspas, de noite, suspiram ao luar.*



## ***AS ILHAS***

*Florescentes toalhas viandantes,  
Terras de longe... terras forasteiras  
Trouxeram-n'as as enchentes passageiras.  
Ilhas de amores – terras fluctuantes – .*

*Bem estendidas, assim, nas corredeiras,  
Do canal das ondas verdejantes,  
Temperadas vegetam nas vasantes  
Num panorama de luxo alviçareiras.*

*Que santo adorno de relvas engraçadas,  
De formosos painéis nessa extensão  
De um manto divinal primaveril!*

*Nos campos da torrente, perfumadas  
Que paragens nos confins deste sertão,  
No fundo destas águas, meu Brasil!*

## ***MONTANHAS***

*Lez a lez – montanhas azuladas –  
Esses macissos de pedra – briaréos –  
Onde nuvens por metade, além dos ceos,  
Escondem almenaras apagadas.*

*Pardos penhascos, errantes corucheos,  
Viram nascer os rios, as chapadas,  
Os valles e as florestas debruadas,  
De cerração da luz aos fogaréos.*

*A terra que os alenta é fértil e rica,  
Se brota o arroio e o ribeiro assombra  
Pelo murmurio das águas ás espaldas.*

*Um vento salutar os dulcifica  
Por eternas primaveras, numa alfombra  
De pedraria, de prata, de esmeraldas.*



## **LUAR**

### *I*

*Vós que sentis no peito as duras chagas  
De um coração, sangrando desditoso,  
Vinde ver o luar silencioso  
A iluminar o Valle destas plagas.*

*Dansam as ondinas um tango rumoroso,  
E o Rio vae e vem ao som das vagas.  
Na tumultuosa crista destas fragas,  
Num noivado de luz muito amoroso.*

*Se a noite é muito densa e não tem lua,  
E somente a mudez dessas estrellas,  
Sentireis na solidão maiores maguas;*

*Mas, se o redondo astro se insinúa...  
Vossas dores crestais!... e... esquecel-as...  
Ao luar de nossa terra nestas aguas!*

### *II*

*Como és bello, ó luar de leite e neve,  
Brando, suave, manso, muito exul,  
Pelos ceos da pátria falando o vento sul,  
Luar que não se aponha, luar que não escreve!*

*Sentado nas montanhas mui taful  
De teu throno de nuvens, aura leve  
Quer te levar aos paramos onde não deve,  
Em suas azas, luar de manto azul!*

*Sempre eu te vi brincando nestas plagas,  
E contigo, ó luar, também brinquei,  
A cantar, a cantar... e adormecer...*

*E que canções, então, agora vagas,  
Sonhando aos raios teus! Ó bem sei...  
Que tu ficarás assim, quando eu morrer.*

## **AURORA**

*De dons celestiaes neste brazeiro  
Desabrocha a manhã e rompe o dia,  
Do perfume, da graça, da alegria,  
E a madrugada exhala-se sem roteiro.*

*O sol a sair corôa a serraria  
Faz-se a aurora, gotteja o campo inteiro.  
Ramagens e hervações de olente cheiro...  
Um vaso aberto de néctar... de ambrosia...*

*De rosas purpurinas, sem rivaes,  
As devezas se enchem; e pela matta  
Os ninhos pendurados se embalando!...*

*Como soam tão bem nos matagaes  
O longínquo suspirar duma cascata  
E no arvoredos as aves gorgeliando!*

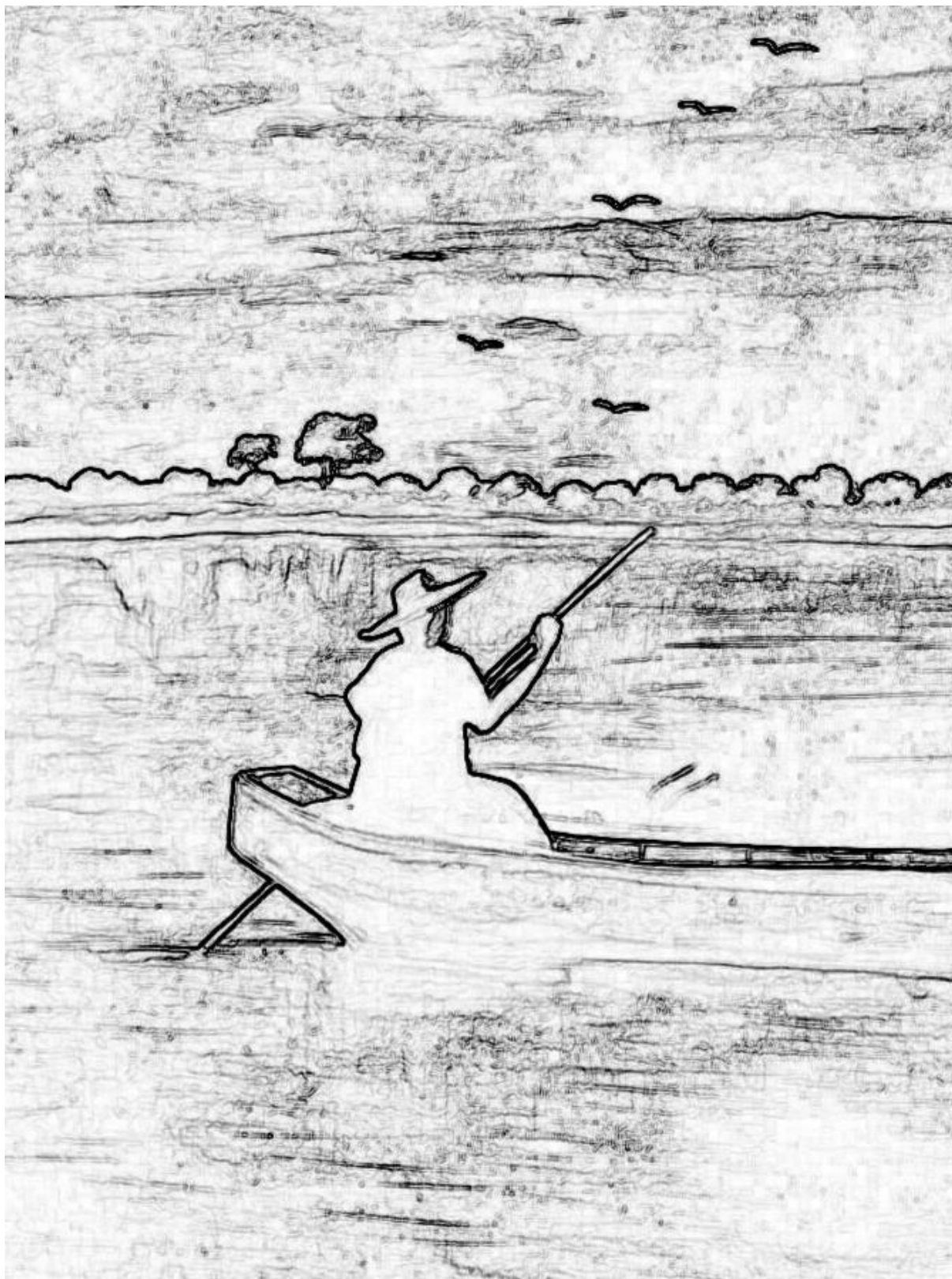
## **TARDES**

*Tardes da minha terra, tardes dos fragores  
Do mais terno lilaz pelas campinas,  
– Imagens – que se arroubam tão divinas  
Na visão ethereal dos seus fulgores!*

*Nas vastas sombra rasteiras, vespertinas,  
Cançadas já se inclinam as ledas flores.  
O' tardes inspiraes, santos amores!  
O' ceo crepuscular quando iluminas!*

*Pela floresta estranha formosura  
Delui-se à luz da bruma pegureira,  
Num manto a trajar verde-louro.*

*Cae o arrular a pomba forasteira.  
Um raio de sol-posto fende a agrura,  
A pouco e pouco morrendo em resteas de ouro.*



## ***A' TARDE***

*Diaphamas auras! E a tarde bronzeando  
Ao temporal numa agonia lenta.  
A escuridão das selvas mais aumenta,  
Pelas praias as sombras avançando.*

*Sopra o vento, sopra... venta, venta...  
Nesse mar interior se deslizando,  
Um casco pobre de nave descansando,  
Porque na praia a onda desalenta?*

*Morena tarde, tu também osculas  
As brancas jubas dos carneiros d'agua,  
E uma planície soberana tens.*

*Meu pensamento, porque assim quérulas,  
Se meu barco encalha nas profundas maguas,  
Tu andas tarde e mais tarde vens.*

## ***ESTRELLA DA TARDE***

*Estrella da tarde nos campos amenos  
Dos astros serenos,  
Acceso o teu cyrio se vê scintillar.*

*Teus raios são calmos, são frouxos, são lentos,  
Assim como aos ventos,  
Crepita o santelmo nas vagas do mar.*

*As flores nos valles se fecham orgulhosas  
– Catleias e rosas –  
Com petalas dobradas á luz que não arde,  
Sem chammas vorazes de um sol dardejante,  
No ceo rastejante,  
Na franja ondulada da estrella da tarde.*

*E tu no fastígio de ethereas neblinas,  
Em faixas divinas  
De longe arremessa teu brando clarão!  
Archanjo da noire, cantando as dhubias  
Das – Ave-Marias,  
Teus fogos accendem na etherea mansão.*

*Estrella da tarde, que por trevas assombras  
Por essas alfombras  
De mundos, de estrellas, nas brumas de alem,  
Estrella da gloria, teus raios brilhantes  
São astros errantes,  
Tem outras bellezas que os outros não têm.*

## ***AVE-MARIA***

*Faixas rôxas do ceo, morena aurora*  
*Do entrar do sol,*  
*Estrella do firmamento azul, tímida rosa*  
*Nas faces do arrebol,*  
*Flores, sombras, mysterios, fontes de luz,*  
*– Brisas garrulas –*  
*Atalhos perfumados, brumas, neves, noites,*  
*Sylvestres campânulas,*  
*Escutae esta voz: – o valle empurpurece...*  
*O vento rodopia...*  
*Como treme a folhagem, como sussurram as auras:*  
*– Ave-Maria!*

## ***ESTRELLA CADENTE***

*Estrella cadente, que ás horas da noite  
Vens tardes horas mortas, nos ceos lucilar,  
Porque no silencio das trevas te abrolhas,  
Na gruna infinita quem foi te apagar?*

*Estrella cadente, quem chora la em cima  
Com as faces velada na etherea amplidão?  
Quem é que padece, tem prantos, tem dores,  
Tem dores os astros? Tambem, isto não!*

*Porem, tu deslisas; porque, tão pungente?  
Tem crepes a gloria? Se a gloria tem tantos...  
Que olhos magoados, celestes, sentidos,  
Descerram dolentes tão pallidos prantos?*

*Estrella cadente, que ás horas caladas  
Da noite appareces num ceo sem luar,  
Teus longos suspiros exhalam nos ares,  
E eu penso... La emcima quem vive a chorar?*

## ***ESTRELLA D'ALVA***

*Estrella d'alva, despontando o dia,  
Ja no horizonte teu clarão se inclina.  
Deos te accende com os olhares seus,  
Estrella d'alva, na manhã divina.*

*Rosa dos sonhos, no correr da noite  
Tu onde estavas, esparzindo luz?  
Tu a estrella deste ceo mais bella,  
Ó flor dos astros nos desertos nus!?*

*Vém! Teus pallores na floresta verde  
Rorejam montes, os vergeis, os prados,  
Quando jorrastes a cascata eterna  
Dos teus sorrisos nos sertões amados.*

*As auras sopram, os ramaes balançam,  
Trinam as aves ao romper da aurora.  
Tu desperta: é sussurro, é festa.  
Que linda orchestra, que canção sonora!*

*E tu vagueias – caminheiro errante –  
E vaes tombando no infinito exul.  
Ó! Que ventura, que esplendor o teu  
Nesta alvorada deste ceo do sul!*

*Estrella d'alva, que precede o sol,  
Já no horizonte teu clarão se inclina,  
E Deos contempla-te num formoso jaspe,  
Estrella d'alva na mansão divina!*

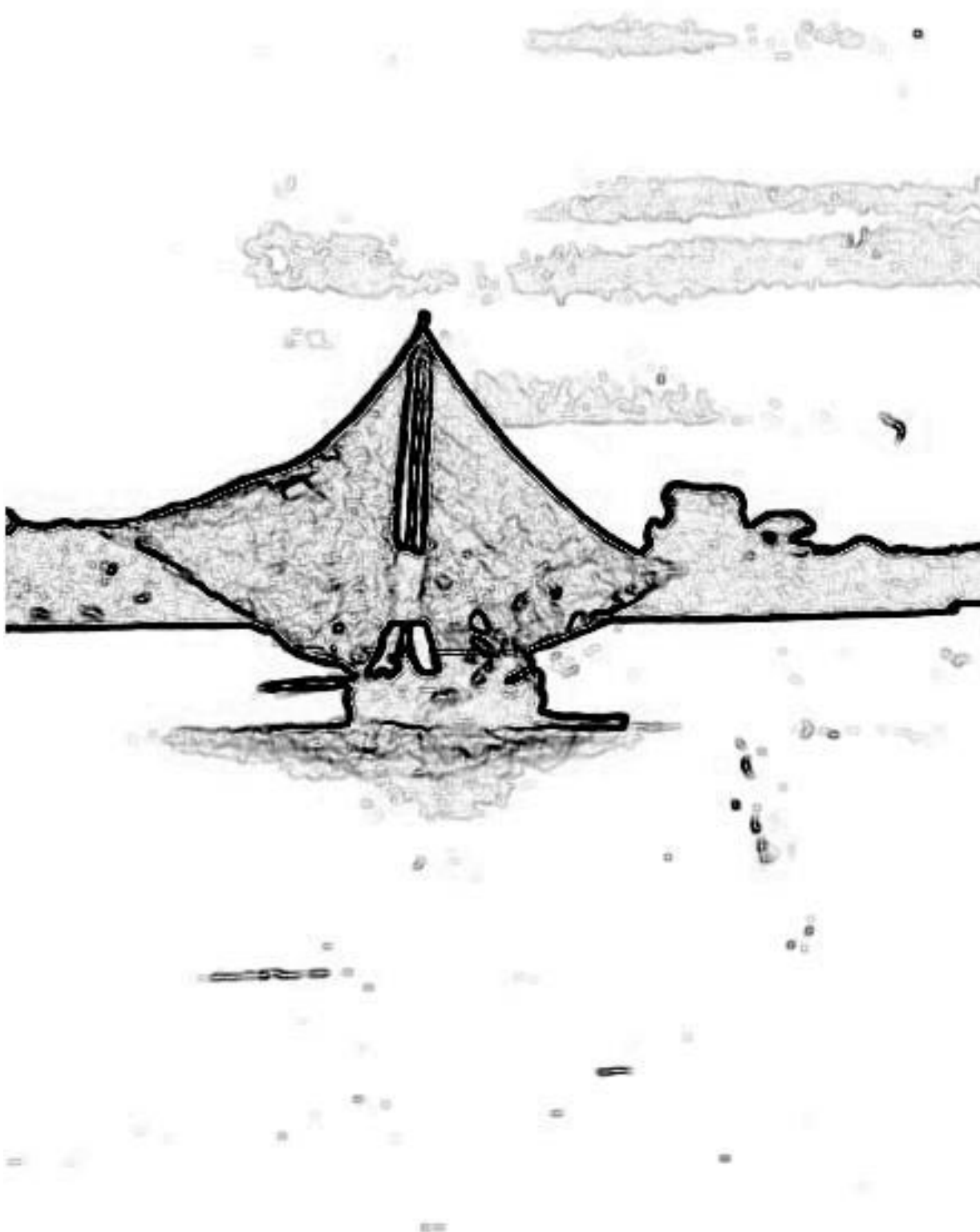
## ***O VENTO***

*Um grande vento empolga as bellas margens,  
E a floresta balança ternamente,  
Onde começa o valle lentamente,  
Das serranias ao fundo das paragens.*

*Isto, brisa; e também convulsa, ardente,  
Tormenta sacodindo essas folhagens,  
Esses troncos tão fortes e ramagens,  
Levando-os de roldão agrestemente.*

*As aguas sopram, as vagas se levantam  
Num rumor de vozes laceradas.  
Rasga o granizo o espectro do flagello.*

*Corceis alados pelos ceos se espantam;  
E quando o elemento aballa em trovoadas,  
É horrivel de se ver, mas, isto é bello.*



## ***A TABA***

*O selvagem fez a taba,  
A taba não viu a choça.  
Veio a casa da palhoça  
De casca do matagal;  
Escutava o bemtevi  
Ao gemer do juryty  
Ao longe do taquaral.*

*Ao entrar do sol os jaós  
Piando pelas vasantes,  
E nas caatingas distantes,  
No concerto deste caos,  
O zabelê que suspira  
A' sombra da sucupira,  
Topando com o curupira  
Ao canto dos bacuráos.*

*Bravas lendas sonolentas  
Na tonalidade das tardes  
Tinhão sabor sem alardes  
Dos bosques, dos descampados...  
La por noites de relâmpagos  
Dellas falavam os campos,  
Na planície os pirilampos  
E o calmo dos povoados.*

*Depois, gentes estranhas,  
A' conquista de riquezas...  
Guerras, mortes, cruezas...  
E o sangue se derramou!  
E mais nada do que resta,  
Sinão a dor da floresta.  
A branca ossada da festa  
Em tudo a taba passou.*

*Agora os grillos plangentes  
Fazem côro em soledade  
Na eterna immobildade  
Do ceo, da terra, do azul;*

*Onde outrora uma planura,  
Reinando amor e ternura  
Lá entrára a desventura  
Com ventanias do sul.*

## ***A TRIBU***

*No silencio do deserto  
Sob o ceo, serenas, tredas,  
A' margem dessas veredas  
Farfalham boritisaes;  
Soberbos, lindos palmares  
Recordam com seus cocares  
Velhas tribus seculares,  
Marchando em tons marciaes.*

*Semelhavam no torvo aspecto  
Caiapós, Mundurucús,  
Bravos guerreiros seminus,  
De kanitar pelos Mattos.  
Tapuias desses paineis  
Das arvores, dos capiteis,  
No fundo desses marneis,  
A' beira desses regatos.*

*São elles em romarias,  
Por lutulentas entranhas,  
Falando para as montanhas  
Linguagem celestial,  
Dentro da patria exilados  
Com seus cachos cobrados,  
Em palmeraes transformados  
No meio do pantanal.*

## **O PESCADOR**

### *I*

*Dia e noite, horas inteiras,  
A's claras aguas, não vêdes?  
O pescador lança rêdes,  
Corta as vagas sem parar.  
No pelago movei, macio,  
Não sente calor, nem frio,  
Conhece a fundo o seu rio  
E' seu destino: – pescar!*

*Estreita e leve a canôa  
Maneja com maestria.  
Sempre certo, não desvia,  
Nem que ruja o temporal.*

*Se a noite é bella ou sublime  
Cantando loas se exprime,  
Lá o seu vulto se imprime  
Na placidez do canal.*

*Pés descalsos, affrontando,  
Todo, se arroja ao impossivel  
Seu peito, aberto, impassível,  
Seu coração – sobrehumano – !  
Se a porta equorea se tranca,  
Elle lucha – lucha franca,  
Soberbos monstros arranca  
Ao rio seu soberano.*

## II

*De Tiberiades ao largo, certo dia,  
Em uma barca o Salvador estava;  
E enquanto um pouco descansava,  
A bom dormir reparador fingia.*

*Elle, de facto, os olhos seus cerrava.  
No mar revolto o temporal bramia.  
Só elle, Christo, que o perigo via,  
Das bravas ondas o poder sondava.*

*Desperta-o a prece afflictiva no momento.  
Faz agua a nave, impõe-se a magestade  
Da virtude, da fé e confiança.*

*Retirai-vos, ordena á tempestade!  
Sursum corda! Não se atreva o vento!  
Salvos! O marujo e o barco da esperança!*

## III

*Solicito o pescador desce a noite,  
E sobre as ondas se foi para o Senhor,  
Pelo caminho fallaz, nesse pallor  
Sob seus pés treme o abysmo, bolle!...*

*Ousa a coragem!... um rasgo de fervor!...  
Bareas incha a bocca, como um folle,  
Sopra rijo, voraz; inflama, engolle...  
A rugir, a rugir no seu furor.*

*Elle caminha ainda. Depois, cedo,  
Vendo do monstro a tromba horripilante,  
Perde a fé, vacilla a esperança.*

*Um instante duvidou e teve medo,  
Naufrago! Diz uma voz mansa, insinuante,  
E estende-se-lhe a mão sagrada: – Confiança!*

#### IV

*Tarde, bem tarde, horas mortas, tredas...  
Sobre as ondas – alta madrugada –  
Nesse areial da água enlutarada  
Uma visão além dessas verêdas!*

*Tremulas fagulhas – um pó de alvorada –  
Noite a dentro beijando cristas lêdas,  
Onde se recolhem finas labarêdas,  
Nas bodas de uma luz etherea, abençoada!*

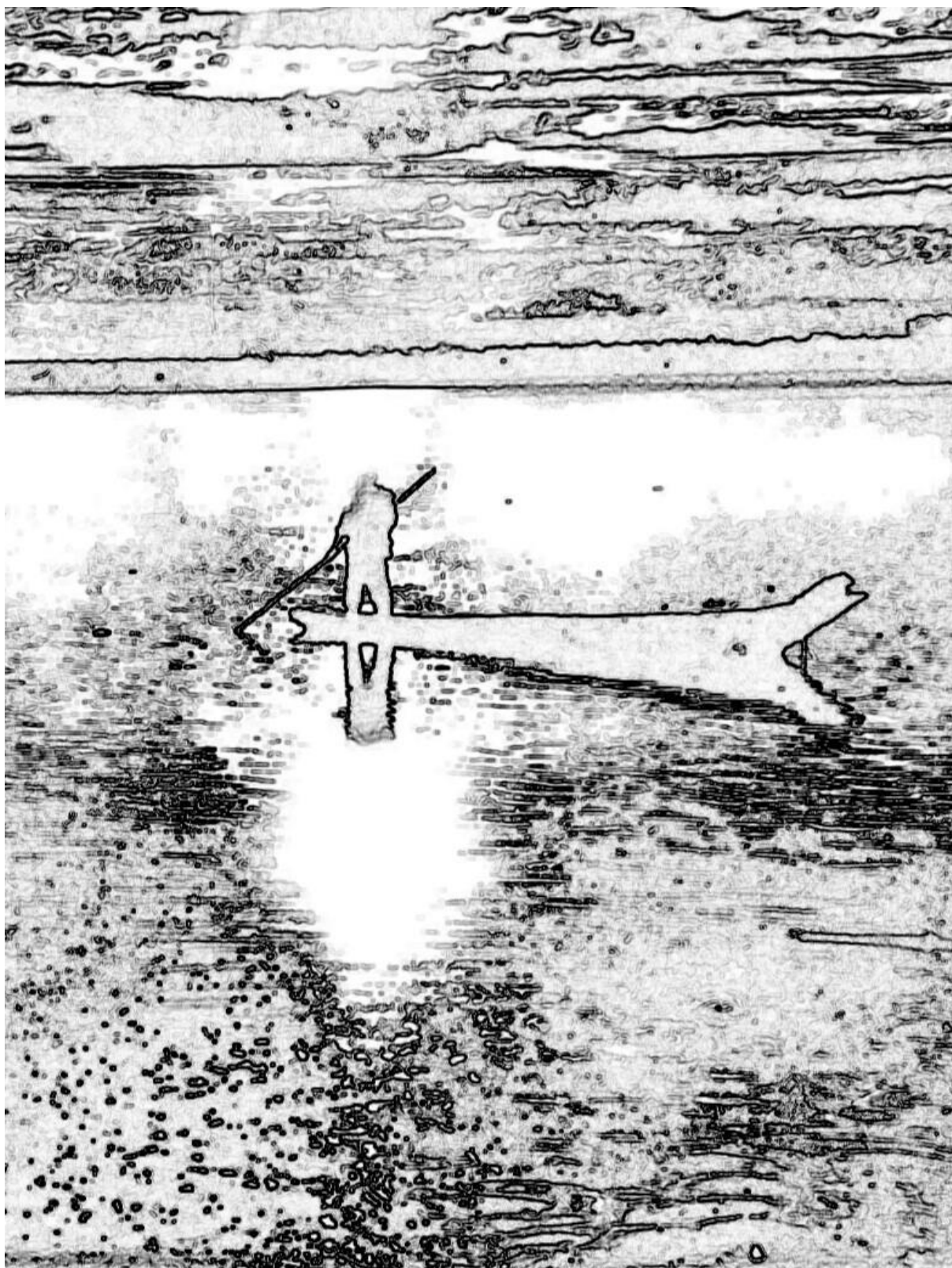
*Um barco ao longe na extensão do mar!...  
E uma voz se eleva de terror transida:  
Quem sois? Indaga alguém de pé.  
– O mestre! – além reso um halo do luar  
Vem a mim, caminha; eu sou a vida.  
Vôa sobre as ondas, vôa! Sou a fé.*

#### V

*Dos grandes feitos a causar espantos,  
De duras provas o poder partio.  
Daqui heroes, os humildes, santos,  
E a cruz erguida que cresceu, florio!*

*Renascem séculos; mas, os séculos morrem;  
Annos e dias, mas, o mar se escôa.  
Grande a cruzada, quando as horas correm  
Das almas nobres que este hymno entôa:*

*“E tu me amas?” suspirava o afflicto  
“Ah! Eu te amo!” confessou alguém.  
Bemdicto sejas... e deste ceo bemdicto  
Dou estas chaves para sempre. Amen.*



## **O NORTE**

*No tempo sancto das luzes  
Quem ousa fallar do norte?  
Qual de vós, espirito forte,  
Que a defendel-o se ergueo?  
– Canta a sereia? – Pois não!  
Garganta – bôa inténção...  
Mas, chegada a occasião,  
Silencio! Norte? – morreu! –*

*Tudo grande, tudo marcha,  
Colosso o Brasil se ri:  
Do Oyapock ao Chuy  
Não vai mais longe o Ypiranga.  
Muita gente com sciumes  
Arrota muitos azedumes,  
Moteja nossos costumes  
De sertanejos em tanga.*

*Mas, não importa o desdém  
De velhas raças cançadas.  
São gerações desdentadas,  
Onde a energia falhou.  
– Sol – poente – já se arrima,  
Quando a noite se aproxima,  
Aguenta quem está de cima,  
Porque seu tempo passou.*

*Se algum pharol ilumina  
A terra de Tiradentes,  
Não tememos maldizentes,  
Que heroes os temos tambem,  
Este Norte – o scelerado –  
Trazendo algemas de Estado,  
Sempre viveu sequestrado,  
Nem pode ir mais alem.*

*Falam de cór, de oitiva,  
De thesouros invejados;  
Porem, dos mapas pintados  
Pois, desconhecem o paiz.*

*Mediterraneo o proclamam,  
Mesopotamia l'ho chamam,  
E fel em cima derramam,  
E o resto ninguem nos diz.*

*Assim nasceu, assim vive  
Aqui em todo o esplendor  
Nas mãos do seu Creador,  
Macisso, grande, viril!  
E' o gigante adormecido  
Gabado, quanto esquecido,  
Sob a coberta estendido  
Do bello ceo do Brasil.*

*Sob o palio do deserto  
Como é nobre o Goliath,  
Ao sopro do eterno Fiat  
No concerto universal!  
E o titão parece inerte  
Nem um raio que o disperte,  
Nem uma idea solerte  
Da alma nacional!*

*Sem amigos, sem amparo,  
Sem palavra, sem justiça,  
Se vende pela cúbica  
Dos corrilhos do poder.  
Da fraude na bancarrota,  
Da miseria da patota,  
Vem toda... toda derrota  
Que nunca deixou de o morder.*

*E somos filhos da luta  
De campanhas immortaes.  
Dentro de Minas Geraes  
– Santa Luzia – guerreira!  
Modernamente tombado,  
Um nortista denodado  
Nunca olhou cimento armado,  
Nem serras de Mantiqueira.*

*Bem assim um povo altivo,  
Que o fogo do ceo roubou.  
Sempre o Brasil respeitou  
Seu verbo de independente.  
Do tempo no curto espaço  
Fez a custa de seu braço  
De olygarchias – bagaço,  
E tudo no quente-quente!*

*No silencio do deserto  
Ha muito que meditar.  
– Lazaro – escuta a sonhar  
Seu dia de redempção.  
Nos valles vertiginosos  
Apressados, valorosos,  
Correm os rios caudalosos,  
Transbordam na solidão.*

*O clarim sôa a rebate  
Pela bocca da verdade:  
Basta a voz da liberdade  
Para uma cadeia quebrar-se.*

*Grande, vasto, chão parado,  
Quem não vê todo agitado,  
Fervente, bravo, exaltado,  
Este Brasil transformar-se?!*

*Fadada por natureza  
A patria manda empunhar-se:  
– Mais um Estado criar-se,  
Que o sonho não é demais.  
Quem não descrê do futuro  
Pode estar certo, seguro,  
Que hade vir um pallinuro  
– Do Norte – Minas Geraes. –*

*E não irá mais distante.  
Hade de se dar o prodígio.  
O Norte no seu fastígio  
Muito alto fallará.  
Sem ter por elle quem faça,  
Planta cidades de graça,  
E, sem conflictos de raça,  
Um dia se erguerá.*

## **AQUARELLA**

*Sob o ceo do norte, quando a canícula agita  
Quentamente a floresta, o Paranapetinga,  
Da serra do Canastra aos flancos da caatinga,  
Rasgando a terra virgem pro mar se precipita.*

*Torra o mormaço do matto a rama afflictta  
Da sensitiva agreste na restinga.  
Nem sereno a cahir no ar respinga  
Na deveza sem flor triste, infinita.*

*Azullada a serrania!... e as sombras della  
Pelo sertão se estiram vespertinas  
A subir, a descer, a caminhar!*

*Apparecem os contornos. Que aquarella  
De rubis, de esmeraldas, e fluorinas  
Do Rio na caudal serena a fluctuar!*

## **PRAIAS**

*Praias de Januária!... o ar em chammas, manso,  
Formidável o calor do sol ás estiagens!  
E de um lado e de outro selvas e ramagens,  
Águas ao longe, claras, num remanso!*

*De sul a norte, em doce e leve avanço,  
O Rio do sertão trabalha em paragens.  
– Extensos areiaes de insulas miragens –  
Em busca do Oceano estende sem descanso.*

*Cinta o horizonte as fimbrias das montanhas,  
Partem do oeste as sombras rastejantes,  
De um visão da tarde murmurando.*

*Dos montes e dos valles, no fundo das entranhas,  
Plantei meu coração nas terras das vasantes...  
E... feliz, mui feliz ao vel-as, contemplando!...*

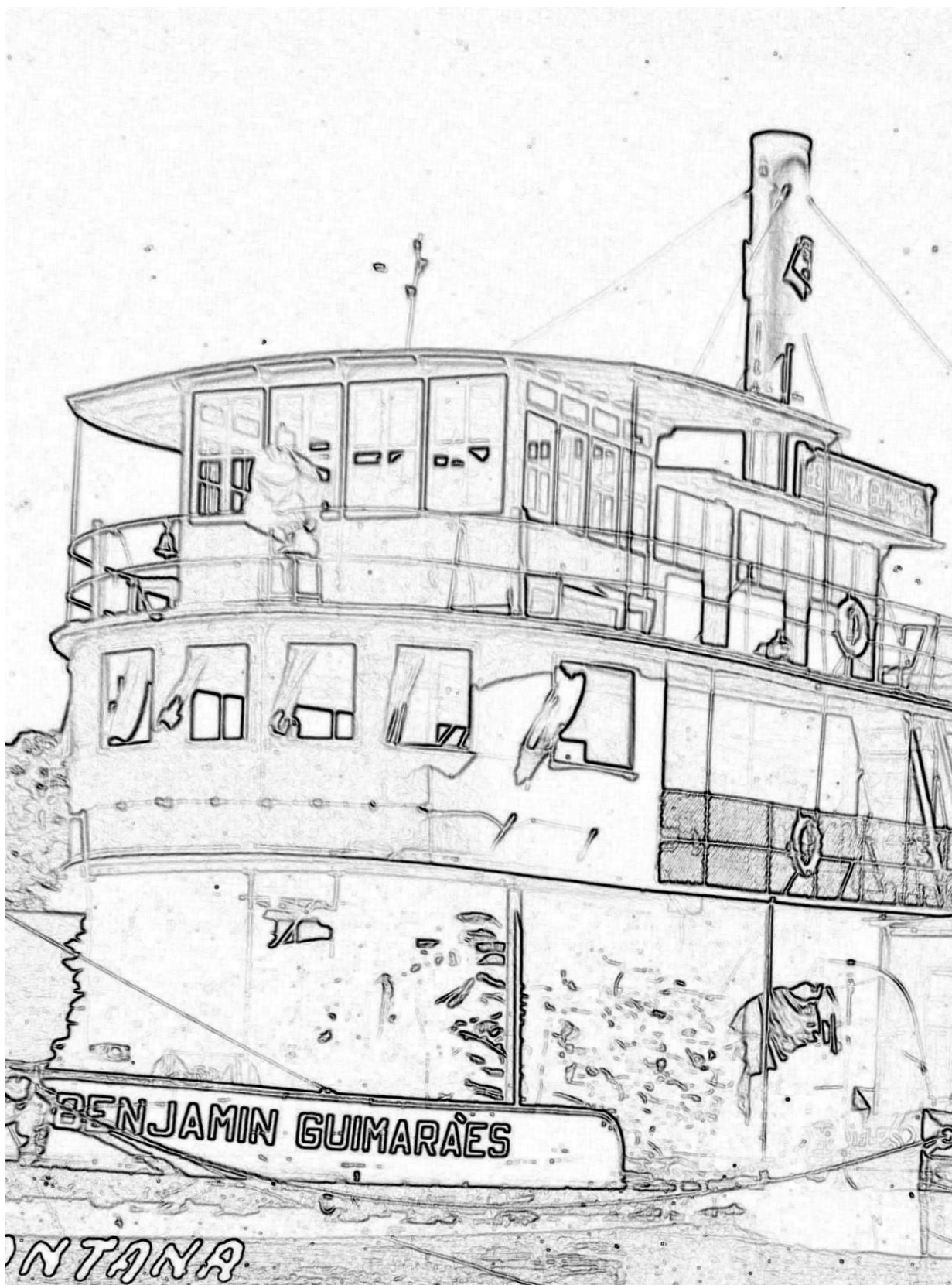
## **BRASIL**

*Agora, o horizonte, o Valle, essa corrida  
De azullados araxás de côr celeste,  
Onde nos rincões estala a vagem agreste  
E a imagem da pátria é tão sentida.*

*Bem perto o Tocantins no longo oeste  
Sob a plaga sideral desconhecida  
E o soberbo Amazonas – avenida –  
Que tu ó bandeirante, então, nos deste.*

*Isto só? – Inda não! – A Chanaan  
Será este Brasil formoso e bronzeado  
– Caboclo colossal – de espáduas grandes...*

*Sineiro do porvir com a terra irmã,  
Quando – lábaro da paz – no chão sagrado  
Ariverde pendão se entrelaçar dos Andes.*



## **ITAPIRAÇABA**

*(Ao Dr. Orozimbo Loureiro)*

*Aquelle monte de pedra  
Que, alerta, nunca desmaia,  
Aquelle augusta atalaia  
Por cima da serrania,  
E' a fortaleza elevada  
Da minha patria adorada,  
A retaguarda avançada  
Que os horizontes espia.*

*Sob a couraça macissa  
De ferro, de maganez,  
Nessa marmorea altivez  
De surtos de independencia,  
O coração do penedo  
Tem um porvir em segredo  
A revellar breve, cedo,  
Daquelle inculta eminência.*

*É crença dos meus desvellos.  
Que elle ensinou-me em criança:  
Rochas... rochas... – esperança –  
Taboas da lei – cada lagem.  
E eu cresci nessas sendas  
Com o leite das sacras tendas,  
Vi do meu povo as legendas,  
Feituras da mesma imagem.*

*E nova vida eu senti  
Ao revolver do passado.  
Da minha terra sagrado  
E sancto tudo que é meu.  
Das maravilhas alheias  
Não quero outras cadeias,  
São minhas essas ameias  
Que aquelle monte me deu.*

*Amo a poeira revolta,  
Dourada pelo poente,  
O túbio raio inda quente  
Pelas verduras exues;*

*Tal o ecco rumoroso,  
De Valle em Valle ansioso,  
Indo morrer vagaroso  
Sobre mortalhas azues.*

*Amo a poeira revolta,  
Dourada pelo poente,  
O tibio raio inda quente  
Pelas verduras exues;*

*Tal o ecco rumoroso,  
De valle em valle ansioso,  
Indo morrer vagaroso  
Sobre mortalhas azues.*

*Noite e dias nas espaldas  
Seclos, seclos... noite e dia  
Desce um beijo de harmonia  
Das nuvens nos brancos veos.  
Eu quero o canto dos ninhos  
Das selvas, dos passarinhos  
A pallidez dos caminhos,  
O fundo azul destes ceos.*

*Assim, de pé, de atalaia,  
Talhado sobre o granito  
Fitando immovel o infinito  
Nessa peanha atrevida,  
Eu prezo o cimo fragoso  
Desse gigante orgulhoso,  
Beijando o ceo luminoso  
De minha patria querida*

*Aquelle monte de pedra,  
Longinqua raios distantes,  
Domina outros gigantes,  
Do horizonte atravez.  
E' o baluarte que encerra  
Num verde cinto de serra  
Os montes da minha terra  
E o São Francisco a seus pés.*



## *O Autor e sua Obra<sup>1</sup>*



**M**anoel Ambrósio Alves de Oliveira é, certamente, um modelo de intelectual do fim do século XIX, capaz de manejar diferentes saberes e ciências com maior ou menor erudição: atuou como jornalista, escritor, político, professor, historiador e folclorista, aventurando-se, embora amadoramente, em campos como a mineralogia e a espeleografia.

Para se ter uma dimensão desse ecletismo, há relatos, em pequenas notas de jornais cariocas dos anos 1920 e 1930, de que Ambrósio enviava a sociedades científicas da capital federal, pelos vapores, exemplares de minérios colhidos no Vale, na expectativa de que o solo de sua amada terra fosse tão benfazejo quanto a paisagem que tantas vezes cantou, em verso e prosa. No final da década de 1930, o januarense figurou como personagem recorrente em uma série de reportagens que tratava das misteriosas minas de prata supostamente localizadas às margens do Rio São Francisco.

Outros relatos dão conta de seu envolvimento com a produção de látex na região.<sup>2</sup> Há, também, cartas remetidas a uma autoridade da capital mineira com representações das pinturas rupestres do Peruaçu, décadas antes de todo o interesse por esse importante sítio arqueológico.

---

<sup>1</sup> Nota dos organizadores: texto originalmente publicado nos anais do *I Seminário de Estudos Ambrosianos – escrever na margem, educar na berlinda*, evento realizado em agosto de 2021, na terra natal do autor.

<sup>2</sup> Nota do posfaciador: O PAIZ, 15 de janeiro de 1910, p. 2.

Como jornalista, Ambrósio tentou tirar das sombras os abusos dos mandatários locais: expôs o superfaturamento das obras do cemitério de Januária, denunciou uma retumbante fraude nas eleições para o Senado, em 1903, fez campanha para a criação de colégio católico na cidade, e buscou educar o gosto do povo barranqueiro pela literatura, com a publicação, nas páginas do jornal *A Luz*, dos folhetins *Hercília* (depois editado em livro, em 1923 e republicado em 2021) e do inacabado (ao que parece) e enigmático *O chalé de Tonkin*, obra sobre a qual não se tem notícias.

Como historiador, o januarenses tentou reconstruir os vestígios do passado colonial da região. Utilizou o seu jornal para publicar um *Esboço Histórico de Januária*, provavelmente recorrendo a documentos que, na sua época, ainda estavam disponíveis. Nesse texto, de 1903, Ambrósio destaca a existência de propriedades escravagistas nos arredores da cidade, por volta de 1860, localizadas no distrito de Brejo do Amparo.

Outros detalhes da trajetória do escritor ajudam a construir a imagem de um caçador de vestígios históricos para ele. Exemplo disso é a fotografia, achada em seu arquivo, do piso da suposta residência de D. Maria da Cruz ou, ainda, os relatos de que ele tencionava encontrar, na região de Manga - MG, as ruínas do “castelo do Calindó”, que teria pertencido ao bandeirante Manuel Nunes Viana, figura histórica que aparece como personagem do conto “A filha do general emboaba”, de Brasil Interior.

Essa busca de Ambrósio pelas ruínas é uma característica importante de sua obra ficcional. Em vários livros dele podemos observar o interesse pelas taperas em que se transformaram as casas-grandes, a lembrança de ermidas abandonadas, a decadência dos poderosos ou a menção às cruzes à beira do caminho, sinalizando a violência que grassava nos sertões.

O olhar de Ambrósio para o passado de seu querido Vale, nos faz recordar o anjo da história de que trata Walter Benjamin nas suas famosas teses sobre a História:

Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1985, p.226).

Ambrósio olhava as ruínas, os vestígios, os fragmentos do passado para tentar entender a tempestade do progresso que se avizinhava do Médio São Francisco: vapores e telégrafo, por exemplo, são signos do paradoxo que a modernidade assumia nessas terras. Essa tensão está evidente tanto no horror que o apito do vapor *Rodrigo Silveira* causara na índia tapuia da região de São João das Missões, personagem do conto *O bicho-homem*, de *Brasil Interior* (1934), quanto nas possibilidades de contato com o mundo permitido por aquelas embarcações.

Também o telégrafo, apelidado no romance *Antônio Dó* (1976) de “a via-crucis universal”, tanto podia vomitar “as mais disparatadas invencionices do terror” quanto permitia que Ambrósio mandasse notícias das barrancas para o mundo, como quando denunciou aos leitores do jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora - MG, a perseguição política que vinha sofrendo em Januária: “Na monarquia nada conseguira; na república, sempre tomada de dúvidas, de decepções provada e, não pode a nossa cidade progredir, graças a interesses inconfessáveis que tem servido para cavar a sua ruína” (OLIVEIRA, 1903, p.2).

É espantoso observar como a vida de Ambrósio tenha atravessado tantos episódios da vida nacional. Nascido em 1865, ano em que eclode a Guerra do Paraguai, ele tangenciou os estertores do Segundo Império, a promulgação da Lei do Ventre Livre (1871), a ilusão da liberdade plena pelas mãos de Isabel, a República, a Guerra De Canudos, a 1ª e 2ª Guerras Mundiais, o apogeu e o declínio da navegação do Velho Chico, a ascensão de Vargas, os ciclos da seca e do banditismo nos sertões nordestino e mineiro.

Dono de uma significativa produção literária, sua obra mais conhecida é *Brasil Interior*: palestras populares e folk-lore das margens do São Francisco (1934), em que tratou das várias faces do folclore regional. Por conta dessa obra, o autor ficou conhecido apenas como folclorista. Contudo, sua produção literária é muito mais ampla, fruto de uma versatilidade intelectual quase heroica, consideradas as condições em que viveu, escrevendo sempre da margem dos grandes centros.

Assim, da pena do escritor também saíram: *Hercília*: romance histórico (1923), *Os Laras*: no sertão dos guahybas, onde se fez morrer caboclo como o diabo (1938), *A Ermida do Planalto*: novela regional (1945) e o livro de poesias *Paranapetinga*

(1938). Postumamente, foram publicados os romances *Antônio Dó: o bandoleiro das barrancas* (1976) e *Os Mellos: jagunços e potentados no Sertão do São Francisco* (2018). Resta inédito o livro *Brasil do Vale* (1909), além de contos, peças de teatro e outros escritos constantes do arquivo de família, cujos manuscritos só mais recentemente estão sendo escrutinados e trazidos a lume.

Nesses textos, Manoel Ambrósio abordou temas como a valorização do homem barranqueiro, a pujança da natureza ribeirinha, as relações sociais locais, os falares e o cotidiano sertanejos, propiciando a construção de uma cartografia ficcional a partir da qual se pode conhecer as diferentes identidades e paisagens existentes no Médio São Francisco, o sertão ambrosiano.

De fato, é adequado alargar as fronteiras das investidas intelectuais e ficcionais de Manoel Ambrósio para além de seu torrão natal. Uma leitura rápida de seus contos e romances e a análise dos diálogos que manteve com figuras como Nelson Coelho de Senna e com os jornais cariocas, especialmente nas décadas de 20 e 30, ajudam a construir a imagem de um homem vigilante tanto em relação aos apelos dos centros urbanos (especialmente o Rio de Janeiro) quanto ao burburinho dos sertões sanfranciscanos.

As obras do januarense são exímias, como já referido, em revelar os vestígios do passado colonial brasileiro nas terras sertanejas, remontando a episódios da história social dos “Gerais das Minas” e do Nordeste brasileiro a partir da ficcionalização de figuras e reviravoltas históricas. Nesse sentido, elas tratam, com maior ou menor ênfase, dos efeitos da escravização, dos ciclos econômicos e políticos que moldaram a região, das violentas expedições bandeirantes, da navegação do Rio São Francisco, dos povos indígenas que habitavam/habitam essas cercanias, entre outros temas.

Infelizmente, em vida, Manoel Ambrósio não obteve maior notoriedade, especialmente no campo literário. Olhando do presente, não é concebível que o escritor tenha sido esquecido, tamanha fora sua produção intelectual. Entretanto, quando se avalia a biografia do escritor, vêm à tona relatos sobre perseguição político-judicial e até mesmo sobre uma tentativa de assassinato, sofridas por Ambrósio. Isso ocorreu em virtude do papel combativo adotado por ele na política e na imprensa (ele editou *A Januária* e, posteriormente, *A Luz*, os primeiros jornais de Januária — MG, plataformas

utilizadas para denunciar os desmandos e as mazelas da política dos coronéis e grandes fazendeiros locais).

A segunda razão para essa perseguição está latente nas principais obras de Ambrósio, especialmente nos romances *A Ermida do Planalto*, *Hercília*, *Os Laras*, *Os Mellos* e *Antônio Dó*, nos quais soube usar as palavras como arma contra a prepotência, a dissimulação e as injustiças. Por isso, o escritor sempre viveu sob ataque, escrevendo e educando o povo na berlinda. Esses fatores, possivelmente, contribuíram para que a obra dele tenha caído no ostracismo.

***Pedro Borges Pimenta Júnior***

*Januária — MG, 11 de agosto de 2021.*



